



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS
Curso de Licenciatura em Educação Física

JORGE DE SOUSA MEDEIROS

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Campina Grande/PB

2017

JORGE DE SOUSA MEDEIROS

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Elizabete Carlos do Vale

Campina Grande/PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488e Medeiros, Jorge de Sousa.
Educação física no ensino médio [manuscrito] : limites e possibilidades / Jorge de Sousa Medeiros. - 2017.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale, Departamento de Educação Física".

1. Educação física escolar. 2. Tendências pedagógicas. 3. Práticas pedagógicas. I. Título.

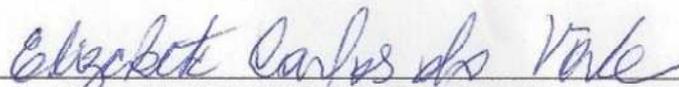
21. ed. CDD 372.86

JORGE DE SOUSA MEDEIROS

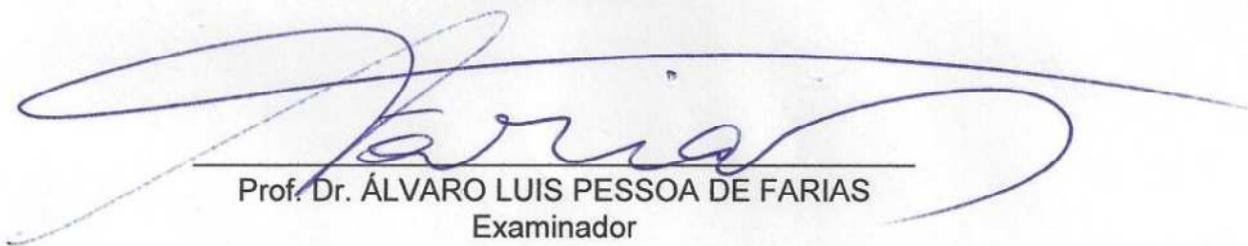
**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física do Departamento de
Educação Física da Universidade
Estadual da Paraíba em cumprimento às
exigências legais para obtenção do título
de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em 07/04/2017



Profa. Dra. ELIZABETE CARLOS DO VALE – UEPB
Orientadora



Prof. Dr. ÁLVARO LUIS PESSOA DE FARIAS
Examinador



Prof. Me. JEIMISON DE ARAÚJO MACIEIRA
Examinador

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ATUAIS	07
2.1. Tendência Higienista.....	08
2.2. Tendência Militarista.....	09
2.3. Tendência Pedagogicista.....	10
2.4. Tendência Esportivista ou Competitivista.....	11
2.5. Tendência Popular.....	13
3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: limites e possibilidades.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	27

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: LIMITES E POSSIBILIDADES

Jorge de Sousa Medeiros¹

RESUMO

A Educação Física é um dos componentes obrigatórios da matriz curricular da Educação Básica. Como parte do conjunto de disciplinas que buscam formar o aluno a partir dos objetivos propostos para o ensino médio, a Educação Física “volta e meia” se encontra em discussão dentro do mundo escolar sobre a sua importância para alunos que estão no Ensino Médio. É a partir desta problemática que buscamos refletir sobre o papel e importância da Educação Física para o Ensino Médio, com o intuito de contribuir com o debate, especialmente sobre as possíveis contribuições dessa área de conhecimento para com as demais áreas, no processo de formação mais ampla para criança, jovens e adultos. Para tanto, desenvolvemos esse trabalho através da realização de pesquisas bibliográficas a partir de artigos e livros, buscando dialogar com autores como: Carrapoz (2005), Darido (1999, 2013), Ferreira e Sampaio (2013), Ghiraldelli Jr. (2008), Mattos (2013), entre outros, que enfocam em seus trabalhos a problemática da educação física no contexto escolar. Buscamos focalizar também como a Educação Física é respaldada em documentos e legislação, como a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCNs). Tais leituras evidenciaram que a Educação Física tem um amplo conteúdo, e que quando explorado em todas as suas perspectivas, contribui de forma relevante para formação do aluno que se encontra nesse ciclo escolar. Afinal, diversos estudos científicos mostram como a Educação Física é importante na prevenção e combate à obesidade entre crianças e jovens, auxiliando-o inclusive nas demais áreas de conhecimento.

Palavras Chaves: Educação Física. Ensino Médio. Limites e Possibilidades.

1. INTRODUÇÃO

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em sua proposta inicial, estabeleceu que a Educação Física é parte integrante da proposta pedagógica da escola, atuando de forma integrada com outras disciplinas da Educação Básica. A Educação Física como componente curricular, tem como pressuposto básico disseminar conhecimento sistematizado sobre a cultura corporal de movimento, capacitando o educando para a regulação, interação e transformação em relação ao meio em que vive, contribuindo para a formação do sentido de ser humano (SILVA, 2012). De acordo com Alves (2011), a Educação Física é uma disciplina que trabalha com os aspectos físicos,

¹ Aluno de graduação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: jorgemedeiros18@hotmail.com

intelectuais e as relações sociais entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. Desse modo, é preciso compreender que o trabalho do professor de educação física não pode e nem deve limitar-se a práticas, meramente esportivas (iniciação e treinamento esportivo). Para o autor, muitos profissionais da área deixam de abordar a Educação Física em todas as suas dimensões e competências, empobrecendo assim suas aulas comprometendo assim a importância das aulas de Educação Física para os alunos da Educação Básica, especialmente no Ensino Médio.

A partir dessa perspectiva, objetivamos com o presente artigo, refletir sobre o papel e a importância da Educação Física para o Ensino Médio, com intuito de contribuir com o debate em torno dessa problemática, especialmente sobre as possíveis colaborações que essa área de conhecimento pode oferecer para as demais áreas, no sentido de contribuir para uma formação mais ampla, física e intelectual de crianças e jovens. Por fim, compreendemos como de fundamental importância que a Educação Física permaneça como componente obrigatório da Educação Básica.

2. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUAS INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ATUAIS

De acordo com Ramos (1982), a Educação Física no Brasil surgiu como componente pedagógico em 1882, a partir do Parecer “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior” do então deputado federal do Brasil-Império Rui Barbosa, que defendia a implantação da educação física na escola para ambos os sexos. Nesse parecer, Rui Barbosa relata a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defende a Ginástica como elemento indispensável para formação integral da juventude (RAMOS, 1982).

Entretanto, conforme alerta Albuquerque (2009) esta deveria ser incutida nos indivíduos e na população, no sentido de demarcar questões de gêneros sexuais, ou seja, para as meninas, futuras mães de família, responsáveis pelas gerações vindouras e pela consequente prosperidade nacional, a Educação Física deveria ser suave e feminina. No caso dos meninos as atividades físicas deveriam ser viris, militarizadas e voltadas ao desenvolvimento da agilidade, da disciplina, da competitividade, do patriotismo e da obediência. A história da Educação Física no Brasil, assim como a da Educação, em cada época, esteve ou está ligada à representação de diversos papéis determinados pelos interesses da classe dominante. Desse modo, conforme destaca Gonçalves (1997), a Educação Física Escolar assumiu funções de acordo com diversas tendências:

militarista, higienista, biologicista, pedagógicista, popular e etc, e que ainda hoje permeiam sua prática.

De acordo com Ghiraldelli (1998), a Educação Física brasileira apresenta concepções históricas, identificando-as em cinco tendências: Higienista (até 1930), Militarista (de 1930 a 1945), Pedagógicista (1945 a 1964), Competitivista (1964 a 1985) e a Educação Física Popular (1985 até os dias atuais). O autor destaca ainda, que a Educação Física Popular se desmembra em várias abordagens. A seguir, faremos uma breve caracterização acerca dessas cinco abordagens ou tendências da Educação Física escolar.

a) Tendência Higienista (até 1930)

Esta tendência foi bastante influenciada pela medicina e pela eugenia. Segundo Darido e Rangel (2005) esta concepção possuía como preocupação principal os hábitos de higiene e saúde, valorizando tanto o desenvolvimento físico quanto o moral, a partir do exercício. De acordo com essa concepção, a Educação Física deveria formar cidadãos com hábitos apurados de higiene para se alcançar a saúde individual e formar cidadãos que fossem fortes e sadios prontos para ação. A elite dominante do país tinha como projeto a “assepsia social” como afirma Soares (2004, p.70).

O pensamento médico higienista (...), construiu um discurso normativo, disciplinador e moral. A abordagem positivista de ciência e a moral burguesa estiveram na base de suas propostas de disciplinamento dos corpos, dos hábitos e da vida dos indivíduos. Tudo em nome da saúde, da paz e da harmonia social, em nome da civilização!

A perspectiva “higienista” que fundamentava as práticas de Educação Física tinha o intuito de “formar” uma sociedade mais harmônica e com hábitos que ajudassem na manutenção da saúde, buscando assim, resolver problemas de saúde pública a partir de ações desenvolvidas nas escolas. Essa perspectiva “higienista” foi delineada de modo significativo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Tal época histórica abrangeu o marco da Primeira Guerra Mundial e, no Brasil, o baixo nível de saneamento básico e as mazelas sociais eram gritantes. Conforme destacam Ferreira e Sampaio (2013, p. 3):

O tema saúde era uma preocupação da elite da época, que temendo contaminações, utilizou a Educação Física como um meio de doutrinar as classes mais baixas, no sentido de fiscalizar e promover a assepsia corporal. Tal fiscalização era realizada no início das aulas quando era

realizada a inspeção, momento em que os alunos deveriam mostrar aos professores a limpeza corporal – unhas, cabelos, pescoço, braços e pernas. Alunos com qualquer tipo de doença eram eliminados das aulas, aqueles que estivessem demonstrando qualquer tipo de impureza – roupa suja, unhas a fazer, etc., eram sumariamente excluídos. As blusas do uniforme da prática de Educação Física deveriam ser brancas, fato até hoje usualmente corriqueiro nas aulas da disciplina, tal cor foi admitida por representar a pureza e a limpeza.

Para Ghiraldelli Júnior (1991), o desenvolvimento da Educação Física higienista estava ligado às preocupações das elites com os problemas advindos da crescente industrialização do período final do Império e de toda a Primeira República.

(...) as possibilidades de educação popular são limitadas. Assim, a Educação Física funciona mais como selecionadora de “elites condutoras”, capaz de distribuir melhor os homens e mulheres nas atividades sócias e profissionais. O papel da Educação Física é de “colaboração no processo de seleção natural”, eliminando os fracos e premiando os fortes, no sentido da “depuração da raça” (GHIRALDELLI JR, 1991, p. 18).

Paiva (2004), *Apud* Albuquerque (2009, p. 2250) afirma que “a década de trinta do século XX é crucial na institucionalização da Educação Física no Brasil”. Para o modelo de governo de Getúlio Vargas, que tinha a clara proposta de fortalecer a indústria interna e o nacionalismo, a implantação de um sistema educacional que suprisse as necessidades dessa ideologia era fundamental. A tendência Higienista encerra seu ciclo, em 1930, com o advento de um mundo preocupado, não mais com o desenvolvimento da medicina, mas com a guerra (GHIRALDELLI JUNIOR, 1998).

b) Tendência Militarista (de 1930 a 1945)

Conforme destacam Ferreira e Sampaio (op. Cit.), com a implantação do Estado Novo na década de 30, a escola passa a sofrer transformações nos programas das disciplinas. Assim, os professores de Educação Física passam a atuar recorrendo à filosofia da militarização, institucionalizando os corpos de seus alunos e renegando o aspecto educacional da prática. A Educação Física Militarista passa a ser influenciada pelas questões bélicas fazendo com que as preocupações com eventuais guerras e o envolvimento do país nestes conflitos chegam fortemente à Educação Física. O período militarista se configura entre o final da Primeira e a Segunda Guerra Mundial, portanto, uma época de conturbações políticas (GHIRALDELLI JUNIOR, 1998).

Ainda de acordo com Ghiraldelli (1991), tal concepção contribuiu para que a Educação Física fosse executada de forma exclusivamente prática, sem nenhuma ligação com o desenvolvimento do intelecto do aluno. Quem ministrava as aulas nas escolas eram instrutores físicos formados pelo exército, a relação que se dava nas aulas não era de professor e aluno, mas sim de sargento e soldado, porém, a Educação Física militarista não se configurava apenas na execução do treinamento de soldados, tinham valores que estavam por trás dessa forma de aplicabilidade. Sobre esse aspecto, Ferreira (2009) *Apud* Ferreira e Sampaio (2013, p. 4), afirma:

A relação aluno-professor abandona a postura paciente-médico, como era considerada na tendência Higienista, e passa a vigorar como recruta-sargento. Não há diálogo entre ambos. Os fundamentos do nazismo e do fascismo, em ascensão na Europa, também são percebidos. O nacionalismo exacerbado e reproduzido através de hinos e canções de amor à pátria, a preocupação com a limpeza da raça, o racismo, o culto ao belo e a exclusão dos ditos inferiores passam a serem situações frequentes nas sessões de Educação Física.

Assim, a concepção militarista que fundamentava as práticas da Educação Física escolar objetivava formar cidadãos fortes para o combate e que fossem obedientes, que estivessem sempre prontos para defender a pátria. Sobre esse aspecto, Albuquerque (2009) a partir de Barbosa (1946) e Gondra (2004), ressalta que havia também uma grande preocupação com os padrões de moralidade da época, neste sentido, “a Educação Física nas escolas era vista como um elemento benéfico não só ao desenvolvimento físico, mas também moral. A ideia era a de que as atividades ginásticas produziram fadiga nos alunos, evitando pensamentos e ações promíscuas”. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 2246).

c) Tendência Pedagogicista (1945 – 1964)

Após a Segunda Guerra Mundial, com a derrota do nazi-facismo e a vitória dos aliados, a Educação Física passa a sofrer a influência do liberalismo americano, assim como grande parte do mundo ocidental. Nos Estados Unidos a Educação Física recorria a jogos e brincadeiras, ginásticas, lutas e esportes, principalmente o basquetebol e o voleibol, conteúdos logo assimilados pela disciplina no Brasil. Conforme destaca Ghiraldelli Jr. (2003, p. 19), essa nova concepção de Educação Física buscou estabelecer o encontro entre a Educação Física e a Pedagogia, na qual há o entendimento de que, “a ginástica, a dança, o desporto são meios de educação do

alunado”. Desse modo, a Educação Física entra numa nova concepção denominada de Pedagogicista, que é a influência esportiva nas aulas.

Guedes (1999) *Apud* Ferreira e Sampaio (2013, p.5) explica que as introduções de ideias pedagógicas fizeram com que a “Educação Física fosse reconhecida como um meio de educação, pois advogava no sentido de explicar que o homem, para ser instruído de forma integral, deveria não somente ser educado cognitivamente e afetivamente, mas também no campo físico”. Ou conforme destacam os autores, a Educação Física brasileira parecia buscar uma boa utilização de seus métodos, passando a atuar em prol da discussão teórica educacional, entretanto, a deflagração da ditadura militar através do golpe de Estado em 1964, proporcionou uma vertiginosa volta da Educação Física escolar ao biologicismo.

d) Tendência Esportivista ou Competitivista (1964 – 1985)

A partir de 1964, com o golpe de Estado, o Brasil mergulha num regime ditatorial com a tomada do poder pelos militares. É nesse período ditatorial que o Brasil consegue vários resultados expressivos no esporte como o tricampeonato da seleção brasileira de futebol, no México em 1970. O governo militar aproveitou o clima de vitória da seleção brasileira de futebol e passou a incentivar a prática esportiva nas escolas objetivando, principalmente: “descobrir novos talentos e transformar o Brasil em potência olímpica. Porém havia objetivos escusos: ao praticar esportes a população se ocupava e deixava de lado as preocupações com o governo” (FERREIRA, 2009, *Apud* FERREIRA e SAMPAIO, 2013, p. 5).

De acordo com Assis (2001, p. 15), no Brasil essa influência teve avanço juntamente com método conhecido como “desportivo generalizado”:

Registra-se, ainda, como importante para o avanço dessa influência no Brasil a difusão do método denominado “Educação Física Desportiva Generalizada”, criado pelo Instituto Nacional de Esportes da França e que aqui chegou por volta dos anos de 1940. Foi difundido principalmente nos cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógico, ministrados pelo professor Auguste Listello, ficando conhecido como “Método Desportivo Generalizado”.

Aqui o esporte é colocado como ponto alvo das aulas, a escola como um celeiro para descobrir potenciais atletas. A Educação Física continua a ser uma prática excludente, onde os mais fracos fisicamente e tecnicamente não terão vez. Quanto aos

professores, estes continuaram desenvolvendo o papel de treinadores, até porque vinham justamente de instituições esportivas e eram escolhidos por desempenharem bem esse papel. Desse modo, a Educação Física escolar era vista apenas como uma extensão da instituição desportiva, aliado a isso, no contexto da ditadura militar, a pedagogia tecnicista era o grande referencial pedagógico do período, pois era uma pedagogia totalmente autoritária, conforme destaca Garrido (2002, p.166):

O aluno é uma superfície maleável e inerte, sobre a qual serão impressos os comportamentos desejados (os objetivos). A sua modelização é ditada pela necessidade de desenvolvimento de quadros de referência e linguagens comuns, determinados pela eficiência do sistema social.

Os alunos não tinham direito a questionar os conteúdos e métodos empregados pelo professor, este também ficava em segundo plano, visto que não era quem pensava e planejava as aulas, mas sim seguia manuais e métodos prontos, que deveriam ser seguidos à risca. Ainda de acordo com Garrido (2002, p.166), “O professor diminui de importância (comparado à pedagogia tradicional), porque o controle não está em suas mãos”, Ou seja, o professor mesmo que quisesse implantar algo novo e modificador estava limitado as regras impostas pelo governo, a fim de se formar a sociedade “ideal” para os planos do seu sistema. Cabe destacar, conforme afirma Albuquerque (2009) que a Educação Física de caráter esportivo, técnico e competitivo acentuou nas universidades, a partir da década de 1970, o surgimento de laboratórios de avaliação física e fisiologia do esforço.

A partir de 1970, a produção de pesquisa na Educação Física esteve prioritariamente atrelada às ciências biológicas e exatas, o que refletiu totalmente na concepção de formação de professores. Nessa perspectiva, essa concepção, propiciou uma formação acadêmica que, inconscientemente ou não, levou os professores de Educação Física escolar a assumir um papel de treinadores ou técnicos desportivos (ALBUQUERQUE, 2009, p. 2253).

Como a Educação Física Militarista, a Educação Física Esportivista ou Competitivista também estava a serviço de uma hierarquização e elitização social. A aptidão física, a esportivização e a ideia de neutralidade da prática pedagógica eram o ideal da época fazendo com que seus valores fundamentais fossem a competição e a superação individual, ou seja, a Educação Física volta-se para o culto do atleta e a exacerbação do individualismo. Desse modo, como vimos anteriormente a Educação Física desde os seus primórdios sempre foi vista como uma disciplina que não estava

ligada ao intelecto. Durante as fases militarista, higienista e esportiva, juntamente com aspectos tecnicistas existentes na área pedagógica da época, a Educação Física servia apenas para trabalhar o conjunto de ossos e músculos, a fim de se obter o cidadão forte e saudável para fins capitalistas ideais para sociedade da época. Tais tendências pedagógicas nas práticas da Educação Física influenciaram fortemente a área, fazendo com que a Educação Física tenha como característica indelével “ser uma disciplina meramente prática”, apartando-se das demais disciplinas do currículo escolar.

Entretanto, a partir dos anos 80, as mudanças ocorridas no cenário político, econômico e social brasileiro, propiciaram o debate em torno das questões políticas educacionais e pedagógicas. É neste novo cenário que a Educação Física tenta se firmar e mostrar seu valor a partir de novas abordagens, provocando uma “revolução” na sua identidade, redefinindo assim o seu papel dentro da escola. É nesse período que vai se instituindo a Tendência Popular na Educação Física.

e) Tendência Popular (1985 – atualidade)

Com o fim da Ditadura Militar, os movimentos operários e populares através dos diversos comitês populares e democráticos passam a exigir do poder público, mais escolas públicas com infraestrutura adequada, maior democratização do acesso da população pobre e dos trabalhadores em geral a escola, direito ao lazer e a prática esportiva, etc. De acordo com Ferreira (*Apud* Ferreira e Sampaio, 2013), conceitos como inclusão, participação, cooperação, afetividade, lazer e qualidade de vida passam a vigorar nos debates da Educação Física. No que se refere à saúde como tema deste período da Educação Física, ela engloba diversos assuntos como o sedentarismo, as doenças sexualmente transmissíveis, o combate às drogas e os primeiros socorros.

Para Monteiro e Cupolillo (2012), a abertura para uma concepção mais cultural do corpo, cresceu com a crise de identidade vivida pela disciplina a partir dos anos 80. Tais aspectos apontaram para a necessidade da área se firmar e mostrar sua relevância, não só através do desenvolvimento de pesquisas e cursos de pós-graduação, algo que já havia sido alcançado por outras áreas, mas também pela necessidade de profissionais para atuar nas universidades. As reações à visão tradicional na área foram a marca desta crise, o que desencadeou estudos com fundamentação teórica mais qualificada e uma redefinição nas práticas pedagógicas da Educação Física, conforme destacam Ferreira e Sampaio (2013, p. 7):

A Educação Física na verdade, entra em crise epistemológica. O que fazer? Não se respira mais os ares do Higienismo e sua assepsia corporal; não se pretende mais produzir futuros soldados, como preconizava o a tendência Militarista; não há a necessidade de produzir atletas, pois a escola não possui esta função, como queria a tendência Esportivista. Qual a ciência da Educação Física? A que se destina? Qual o verdadeiro papel da saúde na Educação Física? Desta crise, aflorada pela necessidade de sobrevivência, surgem às abordagens da Educação Física.

Sobre esse aspecto, Darido (2003) explica que a partir da década de 80 é iniciado um amplo debate sobre os pressupostos e a especificidade da Educação Física. Como resultado, surgem várias abordagens pedagógicas para a área, como: a abordagem Psicomotora, a Desenvolvimentista, a Construtivista, a Saúde Renovada e a Crítico-Superadora, entre outras. Desta última abordagem, destaca-se como representantes um coletivo de autores: Valter Bracht, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escobar, Carmen Lúcia Soares, Celli Taffarel e Elizabeth Varjan. Esta concepção surgiu a partir da publicação do livro intitulado “Metodologia do Ensino da Educação Física”, em 1992 e tem por base a Sociologia e a Política. De acordo com esses autores, as ações desses movimentos renovadores contribuíram para alavancar a Educação Física no cenário escolar:

Os movimentos renovadores da educação física do qual faz parte o movimento dito "humanista" na pedagogia, se caracterizam pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem e surge como crítica a correntes oriundas da psicologia, conhecida como comportamentalistas. Essas correntes fundamentam as teorias de como o indivíduo aprende no esquema estímulo-resposta. Os princípios das correntes comportamentalistas informam a elaboração de taxionomias dos objetivos educacionais (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 33).

Assim, a Educação Física começa a se desprender da fama de ser uma disciplina meramente prática e começa a se discutir os conteúdos com outra visão, e principalmente com outros objetivos. Nessa perspectiva, a Educação Física objetiva não o aprimoramento das capacidades físicas ou o rendimento esportivo, mas essencialmente, propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal historicamente produzida pela humanidade. Tais abordagens têm em comum a compreensão e a prática da Educação Física numa perspectiva da cultura corporal, onde práticas como: danças, jogos, lutas, ginástica e esporte em geral devem ser trabalhadas

numa perspectiva de transformação social. Para Carrapoz (2005, p.12) essas abordagens ganharam importância, devido aos seguintes motivos:

Esse movimento ganha importância, primeiro, porque vai gradativamente ocupando espaço acadêmico nas universidades, nos programas de pós-graduação da área mediante a produção de dissertações e teses, nos periódicos específicos (principalmente a Revista Brasileira de Ciências do Esporte), nos congressos, encontros e simpósios. Segundo porque grande parte dessa produção acadêmica foi convertida em livros que passaram a ser adotados nos cursos de educação física das IES. Terceiro, porque, desde o final dos anos 1980, parte dessa produção passa a estar presente nas bibliografias dos concursos públicos, nos programas curriculares e de reorientação curricular e nos subsídios pedagógicos elaborados por órgãos governamentais de vários estados e municípios.

Esses são alguns aspectos relevantes na constituição histórica da Educação Física escolar no Brasil que contribuem para a compreensão acerca do papel e importância dessa área de conhecimento para a formação de crianças e jovens, para a formação de professores/as e para organização curricular da educação básica. Logo abaixo temos um quadro sinótico sobre as principais tendências pedagógicas da Educação Física escolar e suas características centrais, elaborado por Ferreira e Sampaio (2013).

Quadro 01: As Tendências Pedagógicas da Educação Física Escolar.

Tendência/abordagem	Principais características e Papel da Educação Física Escolar
Higienista	Promover a assepsia social, preocupação com a limpeza corporal, eugenia. Somente aulas práticas. Visão biologicista e individualista de saúde.
Militarista	Preparar alunos saudáveis através de exercícios militares para representar o Brasil em futuras guerras. Somente aulas práticas. Visão biologicista e individualista de saúde.
Pedagogicista	Início de discussões teóricas sobre o tema, mesmo que superficiais, sobre primeiros socorros, higiene, prevenção de doenças e alimentação saudável. Visão individualista de saúde.
Esportivista	Os alunos deveriam possuir saúde para tornarem-se atletas. Desenvolvimento da fisiologia e do treinamento esportivo. Somente aulas práticas. Tema saúde abordado indiretamente. Visão biologicista e

Popular	<p>individualista de saúde.</p> <p>Discussões teóricas sobre diversos temas como o sedentarismo, as doenças sexualmente transmissíveis, o combate às drogas e os primeiros socorros. O biologicismo começa a declinar. Percepção de que somente a dedicação aos exercícios não é suficiente para a prevenção de doenças. Crise epistemológica na Educação Física, que provoca nova leitura do seu papel como produtora de saúde.</p>
Crítico-Superadora	<p>Compreende a Educação Física como uma matéria escolar que trata de temas como: cultura corporal, jogos, ginástica, lutas, acrobacias, esportes, todos esses temas tratados pedagogicamente.</p>

Fonte: FERREIRA e SAMPAIO, (2013).

Analisar as principais características das tendências pedagógicas que permeiam as práticas pedagógicas dos docentes da Educação Física escolar é fundamental para tenhamos clareza acerca dos pressupostos pedagógicos que embasam as atividades de ensino dos professores. É a partir dessa perspectiva que refletiremos sobre a importância da Educação Física no Ensino Médio, buscando focar alguns limites e possibilidades no desenvolvimento da mesma nessa etapa de ensino.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: limites e possibilidades

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394/96) o Ensino Médio tem como finalidades: consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, a compreensão dos fundamentos científicos tecnológicos dos processos produtivos relacionando teoria com a prática no ensino de cada disciplina.

No que se refere à inserção da Educação Física no Ensino Médio, a LDB em seu artigo 26, parágrafo 3º, estabelece: “A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. Em 2001, através da Lei nº 10.328, foi acrescentado à palavra “obrigatória” após componente curricular. Sendo assim, a Educação Física no Ensino Médio é obrigatória,

salvo para os cursos no período noturno, onde a mesma fica sendo facultativa. Entretanto, mesmo com a garantia de que Educação Física é um componente obrigatório em todo ciclo escolar, esta, muitas vezes é colocada em segundo plano, ignorando-se assim, seus benefícios cognitivos, físicos, afetivos e sociais para crianças e jovens, principalmente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs/Ensino Médio (BRASIL 2008, p. 33), a Educação Física tem um papel importante na formação do aluno do Ensino Médio. Para tanto, o documento dos PCNs enfatizam que esta deve ser ofertada de modo a buscar reaproximar o aluno do EM à EF, de forma lúdica, educativa e formativa em geral.

O aluno do Ensino Médio, após, ao menos, onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos cultura corporal. Não é permitido ao cidadão do novo milênio uma postura acrítica diante do mundo. A tomada de decisões para sua auto-formação passa, obrigatoriamente, pelo cabedal de conhecimentos adquiridos na escola. A Educação Física tem, nesse contexto, um papel fundamental e insubstituível (BRASIL, 2008, p. 33).

Os PCN's do Ensino Médio trazem reflexões e orientações para o processo de formação docente apontando como elemento fundamental uma reflexão acerca do significado de educar para a Cidadania. Neste sentido, o documento ressalta que a escola não é um local neutro como as pessoas acreditam ser, por isso, cada escola tem particularidades, valores e rituais próprios, portanto, trabalhar a Educação Física no contexto do Ensino Médio é, sobretudo, buscar a compreensão dessas diferenças percebendo estes sujeitos como tal a partir de um contexto histórico, considerando também suas visões de mundo, valores, sentimentos, emoções e comportamentos. Nesse aspecto, os PCN's afirmam que:

O ensino médio deve ser entendido como uma etapa de formação básica especificamente pensada para alunos cujo perfil não se define tão-somente pelo recorte cronológico da juventude ou da vida adulta, mas também por características socioculturais que possam definir o sentido que esses mesmos dão às experiências vivenciadas na escola (BRASIL 2008, p. 221).

Entretanto, embora se registrem mudanças substanciais nas concepções da Educação Física que buscaram superar o tradicionalismo e conservadorismo das primeiras abordagens pedagógicas dessa área de conhecimento, a Educação Física atualmente, ainda traz as marcas de abordagens que utilizavam técnicas que hoje são

ultrapassadas, mas nem sempre superadas. Desse modo, mesmo com as mudanças nas abordagens e concepções da Educação Física, ainda é muito comum no cotidiano escolar à visão de que é a mesma uma disciplina que dentro da escola tem como único objetivo fazer as crianças, adolescentes e jovens recrearem. Esse tipo de prática pedagógica é decorrente do processo histórico que esta disciplina passou para se firmar como componente curricular. Infelizmente, tal compreensão é muitas das vezes reforçada por reprodução de práticas equivocadas que reduzem as aulas de educação física a cultura do “dar a bola” para as crianças e jovens brincarem.

No Ensino Médio, conforme destacam Barni e Schneider (s/d) as práticas pedagógicas mais observadas nas aulas de Educação Física, ainda são aquelas em que a aptidão física e o rendimento são enaltecidos através da grande utilização do ensino do desporto. No nosso entender, o profissional da área deve compreender e praticar a Educação Física a partir do que orientam as recentes abordagens pedagógicas da área, principalmente com a responsabilidade que se tem frente à exigência para formação integral do aluno. Sobre esse aspecto, nos reportamos a Daolio (2007, p. 2) que reitera:

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente, definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O trato pedagógico e análise desta expressão na dinâmica cultural específica é dada no contexto onde se realiza.

A Educação Física no ensino médio é permeada por polêmicas, que vão desde o processo de formação inicial dos professores nos cursos de licenciatura e a interlocução destes no processo de elaboração e execução dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas (SANTOS e MATOS, 2004) à importância que é dada a EF para o processo de formação mais ampla dos jovens que estão na última etapa da educação básica, conforme debate em torno da obrigatoriedade da EF focalizado na atual proposta de Reforma do Ensino Médio implementada pelo governo federal. Para o ensino noturno, por exemplo, é facultativo para os alunos cursarem, às escolas oferecerem, e caso elas ofereçam a disciplina, as horas aulas não são contabilizadas na carga horária da escola. O que nos faz perceber que a Educação Física no ensino noturno continuará não acontecendo e assim, estarão excluídos do processo cerca de 70% dos alunos do ensino médio noturno, quiçá os maiores beneficiados com a prática regular de atividade física. Como em geral, os alunos do Ensino Médio noturno são jovens e/ou adultos que estão

inseridos no mercado de trabalho, com carga horária de trabalho muitas vezes extenuante, tornando quase impraticável as aulas de Educação Física. Sobre esse aspecto nos reportamos a Daólio citado por Darido (1999 p.139), que aponta como perspectiva, que:

As aulas de Educação Física para o aluno/trabalhador ofereça uma oportunidade para uma atividade pessoal, em contrapartida ao trabalho; uma Educação Física que permita ao adolescente um relaxamento, com a intenção de fazê-lo perceber seu corpo e capacitá-lo a controlar esse corpo, em oposição ao automatismo que o trabalho muitas vezes exige; uma Educação Física que permita ao aluno a prática de atividades prazerosas, em oposição à rigidez e ao caráter repressivo de muitos trabalhos; aulas que permitam aos alunos convivência e relacionamento em grupo, já que o trabalho muitas vezes, não permite estas possibilidades; e também aulas que permitam uma aprendizagem globalizante, que alie o cognitivo ao afetivo-vivencial.

Outro problema encontrado no Ensino Médio relacionado à Educação Física, é a falta de motivação dos alunos, muitos não tiveram boa experiência no ensino fundamental, onde professores erroneamente resumiam as aulas a práticas esportivas repetitivas, cujo enfoque maior é a competição, resultando com isso, a exclusão dos “menos habilidosos” e também questões de gênero. Exemplificando esse tipo de prática, em trabalhos de pesquisa sobre a Educação Física no Ensino Médio, Ávila (1995) *apud* Darido (1999) destaca que numa determinada escola que implementou uma proposta pedagógica com aulas de atividades rítmicas e expressivas para alunas do ensino médio, foi observado que alunas que não participavam das aulas, passaram a participar. Estas argumentaram que diversificando as aulas de Educação Física com outras atividades não precisariam mais jogar bola por obrigação, nem se sentiam competindo umas com as outras.

No nosso entendimento, quando se há uma variação dos conteúdos, fazendo com que os alunos conheçam e vivenciem um repertório mais amplo de movimentos e uma maior variedade de conhecimentos históricos a cerca dos conteúdos, mais bem aceita as aulas serão, pois “foge-se da mesmice” das práticas esportivas, que ficou conhecido como o “dar a bola”. Ainda sobre as práticas esportivas, o conteúdo esporte no Ensino Médio, é marcado pelo aprofundamento das técnicas e táticas das mais variadas modalidades, contudo se deve haver cuidado para não se misturar aulas de Educação Física, com treinamento esportivo, como afirma Cavalcante (2015, p.63), “É

salutar que não se misture treinamento esportivo de equipe esportiva com aula de Educação Física, pois equipes representativas devem receber treinamento em horário extraclasse, como atividades extracurriculares”.

Como no Ensino Médio os professores se depararão com alunos em um processo de maturação mais adiantado do que os encontrados no ensino fundamental, acontecerá com mais frequência casos de alunos que não queiram participar das aulas ou de alunos que queiram realizar atividades contrárias às propostas pelo professor. Cavalcante (2015) defende que para superar tais impasses é fundamental que o professor estabeleça uma relação de diálogo com seus alunos:

Diante dessa diversidade que o profissional de Educação Física pode encontrar ao trabalhar com o Ensino Médio, é fundamental que ele apresente e discuta o plano de ensino com os alunos e que alguns assuntos/atividades possam ser definidos coletivamente. Além disso, é imprescindível que os alunos sejam esclarecidos do objetivo da aula logo ao seu início, pois quando sabem por que e para que estão fazendo algo, sua participação e o envolvimento nas atividades, na maioria das vezes ocorre de forma diferenciada (CAVALCANTE, 2015, p. 62).

Para Gomes e Garcia (2009), é importante que os professores de Educação Física busquem recuperar o prestígio perdido nas últimas décadas, propondo e criando atividades, eventos, projetos e etc. que estimulem o alunado, fazendo com que se consiga alcançar os objetivos previstos para o Ensino Médio. Para tanto, é necessário que os professores de Educação Física participem de forma efetiva da construção e execução do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, e de todas as atividades didático-pedagógicas definidas e desenvolvidas na escola a partir do seu PPP. Tirar a Educação Física do “isolamento” e distanciamento das demais disciplinas exige do professor maior interação no cotidiano escolar a partir da socialização dos seus planos de trabalho, da realização do trabalho de forma interdisciplinar, da participação de decisões importantes da escola, etc. só assim estará trabalhando de forma atuante e mostrando o papel e importância da Educação Física para a formação dos alunos, para a construção da identidade da escola e para a educação em geral.

Tais práticas podem contribuir para a superação de visões equivocadas de que a Educação Física pautada apenas na repetição de movimentos, sem o aluno nem sequer saber o porquê de está executando tais movimentos, que as aulas sejam abordadas de uma forma mais aprofundada que não seja apenas biológica ou física, mas também trabalhada em seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos, a fim de buscar contribuir

com o processo formativo do aluno em sua totalidade. Sobre esse aspecto, Matta (2001, p. 30), afirma:

A nova forma de ensinar Educação Física dá um “ponta pé no passado” e exige diálogo e planejamento junto aos alunos, em busca de objetivos comuns. As tradicionais aulas sob comando, com exercícios de repetição e ênfase no treinamento físico aplica-se a soldados, não a estudantes em fase de desenvolvimento físico, afetivo e intelectual, sendo assim, no enfoque de ontem o aluno buscava a perfeição através da mera repetição e não atingindo seus objetivos, ficava aborrecido e evadia-se das aulas.

No entender de Darido e Moreira (2007) a Educação Física é uma disciplina que ultrapassa a ideia de estar voltada apenas para o ensino motor correto, para isso, os professores devem problematizar, interpretar, relacionar, analisar com seus alunos as amplas manifestações da cultura corporal, de tal forma que estes compreendam os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais. A partir dessa perspectiva é possível compreender a Educação Física tem um papel muito importante dentro da escola que vai muito além de atender a conteúdos que estão descritos em lei, que é o fato de educar cidadãos capazes de construir uma sociedade digna e democrática, principalmente no Brasil onde existe uma diversidade cultural muito grande. Nos dias atuais em que tanto crianças, quanto jovens vivem um estilo de vida cada vez mais sedentário a Educação Física cumpre um papel importante na vida escolar. Sobre esse aspecto, nos reportamos aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Médio que aponta para os seguintes aspectos:

- Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.
- Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas praticas corporais.
- Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discernias e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para manutenção ou aquisição da saúde.
- Assumir uma postura ativa, a prática de atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão. (BRASIL, 2000, p. 42)

Não é de hoje que se sabe de todos os benefícios que a prática da atividade física traz para o organismo, não apenas para os aspectos fisiológicos, mas também para os aspectos afetivos, conforme atestam estudos recentes. Conforme estudos de Southpaul, Martheny e Lewis (2014, p.111), “Os adolescentes que gastam mais tempo em

comportamentos sedentários relacionados às tecnologias apresentam taxas mais elevadas de depressão. Os adolescentes fisicamente ativos têm níveis mais baixos de estresse e ansiedade e exibem autoestima mais elevada que seus pares sedentários”.

Esses são alguns dos aspectos importantes da Educação Física escolar que certamente, contribuirão para o desenvolvimento dos alunos nas outras disciplinas, pois os baixos níveis de estresse e ansiedade resultarão em melhor concentração e conseqüentemente, em melhores resultados tanto da aprendizagem, quanto da socialização com demais alunos. Esses benefícios afetivos e sociais são decorrentes tanto de fatores fisiológicos como a liberação de substâncias como a endorfina, que age no alívio das dores, comparável com a morfina, como também trás a sensação de bem estar, por isso é conhecida também como o hormônio do prazer. Aliado a questões fisiológicas, as aulas de Educação Física são uma grande oportunidade de socialização, com jogos cooperativos que envolvem a todos. A interação entre os alunos é de grande importância para convivência entre si, seja nas aulas de Educação Física, seja nas demais.

Desse modo, as aulas de Educação Física quando abordadas a partir dos diversos aspectos, terá um eixo temático amplo para ser trabalhado no Ensino Médio. Assim, ao trabalhar o conteúdo “esportes”, abordando o futebol, por exemplo, o professor não deve se limitar apenas ao ensino de técnicas e táticas, mas também abordar questões culturais, o porquê do esporte ser popular em determinada região e em outras não, as dificuldades da expansão do futebol feminino, os grandes nomes do esporte no passado, a violência nos campos de futebol e etc. A partir do exemplo de conteúdo “futebol” é possível perceber um leque amplo de conhecimentos que vai além da prática, como por exemplo, questões de gênero, ética, história, cultura regional entre outros eixos temáticos que poderão ser abordados (DARIDO e MOREIRA, 2007).

As várias facetas de conteúdos que podem ser trabalhados numa determinada temática exigem que o professor lance mão de uma diversidade de estratégias metodológicas, contribuindo assim, para a efetivação de uma Educação Física mais atrativa para os alunos e importante para a escola.

Vale salientar que as mudanças no currículo escolar do ensino médio, propostas na chamada Reforma do Ensino Médio têm causado incertezas aos profissionais da Educação Física. A medida provisória n. 746/16 aprovada no Senado altera artigos da Lei do Fundeb, e da Lei nº 9.394/1996, que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que só citava, em trechos diversos, português, matemática, artes,

educação física, filosofia e sociologia como obrigatórias nos três anos do ensino médio. A versão inicial era retirar Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia como ensino obrigatório, e incluir somente Matemática, Português e Inglês. Os demais conteúdos a serem obrigatórios seriam definidos pela Base Nacional, ainda em debate. Porém, durante tramitação no Congresso, uma emenda recolocou as outras disciplinas como obrigatórias. Nesse período (2016), o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) publicou uma nota de repúdio à decisão do governo, que entre outros aspectos, afirma:

O Confef considera um contrassenso que no momento em que inúmeras pesquisas apontam o crescimento da obesidade e do sedentarismo infanto-juvenil, e sabendo que a atividade física é a medida mais eficaz para evitar esse mal, o Governo Federal proponha a retirada da Educação Física do Ensino Médio. Sobretudo por se tratar do país que acabou de atravessar a década de megaeventos esportivos, sediando recentemente os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, onde ficou clara a importância da atividade física na manutenção da saúde e da formação cidadã (CONEF, 2016).

Com a proposta de reforma do Governo Federal, a Educação Física se torna disciplina obrigatória nos três anos do ensino médio que agora deve ser ampliado para o tempo integral. Com a nova proposta, o currículo do ensino médio será definido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atualmente em elaboração. Para o professor Gladiston Lisboa de Meneses, participante do XVIII Encontro Estadual de Educação Física (Estado de Sergipe) ocorrido no final de março deste ano em Aracaju:

A BNCC nos preocupa por ser um documento que vai nortear o que vai acontecer com a educação brasileira porque versa do nível fundamental ao médio. Teve resistência sobre obrigatoriedade ou não da educação física, houve pressão forte do Conselho Nacional de Educação Física e conseguimos que ficasse como componente curricular obrigatório. Mas é preciso os profissionais legitimarem essa situação e mostrarem de fato a importância da educação física em todos os níveis de ensino

Estudiosos da área afirmam que com a reforma do ensino médio, já se apontam impactos também nos cursos de Educação Física das universidades como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Educação Física escolar brasileira demonstra que ao longo dos anos, a mesma sofre com a chamada “crise de legitimidade”, que se acentua em determinados períodos históricos, seja pelo fato de na prática do cotidiano escolar estabelecer pouco vínculo com as demais áreas de conhecimento e componentes

curriculares, seja pela defesa da não obrigatoriedade da mesma no Ensino Médio. Esse último aspecto está relacionado ao fato de que grande parte dos alunos do Ensino Médio é composta pelo aluno trabalhador que estuda no turno noturno, cujo tempo de aula é bastante reduzido em relação ao ensino diurno. A partir desses aspectos nos questionamos: por que a obrigatoriedade da educação física nesse ciclo escolar é flexibilizada? É de fato por conta da exiguidade do tempo pedagógico e aí é necessário priorizar as outras disciplinas ou porque não existe uma proposta pedagógica diferenciada da educação física para alunos trabalhadores que estudam no turno noturno? Será que os profissionais da área não estão trabalhando os conteúdos na forma que se deve em relação a proposta para os alunos do ensino médio?

Ao longo do processo histórico diversas abordagens de ensino marcaram a formação dos professores e conseqüentemente as suas práticas pedagógicas na Educação Física. Assim, o papel da Educação Física escolar modificou-se, ou seja, passou do trabalhar apenas o aspecto físico dos alunos, ou simplesmente ser um momento de lazer, a atuar na formação do aluno como um todo, afetivo, físico, social e cognitivo. Tais mudanças resultaram numa maior relevância da Educação Física na vida acadêmica e social do alunado, principalmente quando se chega no último ciclo escolar, que é o Ensino Médio, onde os alunos estão em um nível de maturação maior e abertos a discussão, com isso as novas abordagens críticas trabalham com a cultura corporal, atuando na transformação social, formando alunos críticos e com autonomia em suas tomadas de decisão, alunos que poderão levar para a vida, ensinamentos para se ter uma vida mais ativa e conseqüentemente mais saudável.

A história da Educação Física nos mostra que os professores podem ter papel primordial no que tange colocar a disciplina num patamar de importância dos demais componentes curriculares. Ou seja, a sua prática pedagógica pode contribuir para reforçar o isolamento da Educação Física no cotidiano escolar, se o mesmo não se envolver com o processo de construção e execução do Projeto Político Pedagógico da Escola e com o todo das ações desenvolvidas na escola. Estudos apontam que apesar do processo de formação inicial recebido pelos professores nos cursos de licenciatura apontar para uma formação mais ampla acerca das práticas de Educação Física, muitas vezes, em suas práticas pedagógicas nas escolas os professores resumem-nas a práticas meramente esportivas cujas finalidades não são mais aceitas para a disciplina nos dias atuais.

Por outro lado, estudos também evidenciam que há em geral tentativas e trabalhos dos professores em estabelecer um lugar para a EF dentro do cenário escolar. Sua atuação é de pessoas comprometidas com o conhecimento e não apenas como pessoas que disponibilizam o material e mantêm a ordem, como são os conhecidos professores “larga-bola” ou “rola-bola”. Seus esforços são em qualificar-se e tentar desempenhar um trabalho responsável e de qualidade (MARTINS, 2012).

Por fim, vale salientar que a devida importância da Educação Física na formação integral dos alunos não depende apenas das questões pedagógicas, sejam elas relacionadas a professores, alunos e escolas. Estas dependem também das definições que norteiam as políticas e os currículos dos sistemas e níveis de ensino. Conforme discutido ao longo do texto, a proposta de Reforma do Ensino Médio e a BNCC apresentam-se como mais um desafio que têm causado incertezas aos profissionais da Educação Física, pois embora, em seu texto final, a MP indique que o ensino das disciplinas de Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia deverá continuar em vigor até o segundo ano letivo, posterior à aprovação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o MEC manteve o trecho que retira da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a garantia explícita de que essas disciplinas já consolidadas deveriam ser aplicadas no ensino médio. Ou seja, a importância e a efetivação prática da Educação Física escolar dependerá da firme defesa dos profissionais da área, bem como dos cursos de Educação Física das Instituições de Ensino Superior (IES) que formam os profissionais de tão importante área de conhecimento para a formação integral de crianças, jovens e adultos.

ABSTRACT

Physical Education is one of the mandatory components of the curricular matrix of Basic Education. As part of the set of disciplines that seek to train the student from the objectives proposed for high school, Physical Education "back and forth" is under discussion within the school world about its importance for students in high school. It is from this problem that we seek to reflect on the role and importance of Physical Education for Secondary Education, in order to contribute to the debate, especially about the possible contributions of this area of knowledge to the other areas, in the process of formation more Children, youth and adults. For that, we developed this work through the accomplishment of bibliographical researches from articles and books, seeking to dialogue with authors such as Carrapoz (2005), Darido (1999, 2013), Ferreira and Sampaio (2013), Ghiraldelli Jr. , Mattos (2013), among others, who focus their work on the problem of physical education in the school context. We also focus on how Physical Education is backed up in documents and legislation, such as the National Education Guidelines and Basis (LDB) and the National Curricular Parameters (NCPs).

These readings showed that Physical Education has a wide content, and that when explored in all its perspectives, contributes in a relevant way to the formation of the student that is in that school cycle. After all, several scientific studies show how Physical Education is important in the prevention and fight against obesity among children and young people, helping it in other areas of knowledge.

Keywords: Physical Education. High school. Limits and Possibilities.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luís Rogério. A constituição histórica da Educação Física no Brasil e os processos da formação profissional. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia**. Curitiba: PUCPR, 2009.

ALVES, Marcelo José. **A educação física no contexto escolar**: Interdisciplinarizando o conhecimento e construindo os saberes. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2011.

ARAÚJO, Fernanda. **Profissionais de Educação Física discutem reforma do Ensino Médio**. Disponível em: www.f5news.com.br Acesso: março de 2017.

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: Possibilidades da prática Pedagógica. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

BANNI, Mara J. SCHNEIDER, Ernani J. **A Educação Física no Ensino médio: relevante ou irrelevante?** (S/d). Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CARRAPOZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**: A educação física como componente curricular. 2ª ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

CAVALCANTE, Andrea. **Educação Física: Uma Profissão Multidisciplinar**. São Paulo: Baraúna, 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA – CONFED. **Nota de Repúdio** (2016). Disponível em: www.esportes.terra.com.br

DARIDO, Suraya Cristina; JR, Osmar Moreira De Souza. **Para ensinar a educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas/SP: Papyrus, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina et al. **Educação Física no Ensino Médio**: reflexões e ações. Rio Claro, SP: Motriz, v.5, n.2, dezembro 1999.

GHIRALDELLI, PAULO. **Educação física progressista**: Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. 10 ed. São Paulo/SP: Edições Loyola, 2007.

GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 1997.

MARTINS, Camilla. Discursos legitimadores da Educação Física no Ensino Médio. In: **IX ANPED Sul – Seminário de pesquisa em educação da Região Sul**, 2012.

MATTOS, Mauro Gomes De; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física na adolescência: construindo o conhecimento na escola.** São Paulo: Phorte Editora LTDA, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública:** Uma proposta de atuação a partir da análise crítica da orientação educacional. 4 ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2002.

Ramos, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte.** São Paulo: Ibrasa. 1982.

SANTOS, Rubens Siqueira dos. MATOS, Tânia Cristina Santos. A relação entre tendência e prática pedagógica dos professores de educação física de 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 3, Número 3, 2004. Disponível em: <http://www.mackenzie.br>

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo/SP: Cortez, 2014.

SOARES, Carmen. **Educação física: raízes europeias e Brasil.** 4 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2007. 143 p.

SOUTH-PAUL, Jeannette E.; MATHENY, Samuel C.; LEWIS, Evelyn L.. **Current diagnóstico e tratamento:** Medicina de família e comunidade. 3 ed. Porto AlegreS: AMGH, 2014. .